



FIDEL CASTRO E SALVADOR ALLENDE: RELAÇÕES POLÍTICAS E INSTITUCIONAIS DO CARIBE AO CONE SUL (1959-1972)

FIDEL CASTRO AND SALVADOR ALLENDE: POLITICAL AND INSTITUTIONAL
RELATIONSHIPS FROM THE CARIBBEAN TO THE SOUTHERN CONE (1959-1972)

ALVES, Hélio Augusto de Souza*
<https://orcid.org/0000-0002-3777-9201> 

SOARES, Amanda Beatriz Riedlinger**
<https://orcid.org/0000-0002-5746-6659> 

RESUMO: Nesse trabalho, investigamos e discutimos aspectos que marcaram a relação política e institucional de dois personagens de destaque na cena latino-americana: Fidel Castro e Salvador Allende. Essa relação, que aproximou Cuba e Chile em perspectiva institucional, começou em 1959, quando o então senador chileno pousou na ilha para acompanhar os desdobramentos da revolução. Destacamos a importância desse evento em 1959 uma vez que percebemos uma lacuna historiográfica em reflexões acerca do tema, já que a historiografia dedicou maior atenção à chegada de Fidel no Chile em novembro de 1971, com pouca ou nenhuma atenção às relações estabelecidas previamente. Para compreender a fraternidade e, sem dúvida, as tensões que permearam essa amizade, nos embasamos em fontes impressas da esquerda de Cuba e do Chile. Selecionamos os seguintes órgãos de imprensa para a análise: o periódico cubano *Revolución*; a revista cubana *Bohemia* e a revista chilena *Punto Final* a partir dos quais trabalhamos em torno da hipótese de que a prévia relação entre os líderes, documentada pela imprensa, viabilizou uma aproximação entre as duas nações.

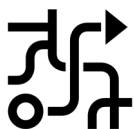
Palavras-chave: Fidel Castro; Salvador Allende; imprensa de esquerda.

ABSTRACT: This work aims to discuss aspects related to the political and institutional sphere which have marked Fidel Castro and Salvador Allende's relationship during the second half of the 20th Century. This relationship, which made possible an approach between Cuba and Chile from an institutional perspective, began in 1959 when the then Chilean Senator arrived in Cuba to observe the paths of the Cuban revolution. It is important to highlight that this event has marked the beginning of a friendship between Castro and Allende, since we have identified that exists a historiographic gap on this subject, considering that historians focused their interests on Castro's visit to Chile, in November 1971, and practically ignoring the previous contacts and its importance. To make our reflections as understandable as possible, presenting the fraternity, tensions, and any other aspects that surrounded this relationship, we focused this work on analyzing both the Cuban and Chilean press at that time. In this way, we have selected some organs as the Cuban newspaper *Revolución*, the Cuban magazine *Bohemia*, as well as *Punto Final*, a Chilean political magazine, from which we will work on the hypothesis that the previous personal relationship between both leaders, registered by the press, made easier an approach between their nations.

Keywords: Fidel Castro; Salvador Allende; Left-wing press.

* Mestrando em História pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP Assis. E-mail: helio.alves@unesp.br.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), desenvolve sua pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa. A pesquisa, intitulada "Políticas culturais da Unidade Popular: as relações estabelecidas entre cultura e governo a partir da revista La Quinta Rueda (1972-1973)", conta com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: amandariiedlinger@hotmail.com.



INTRODUÇÃO

Em outubro de 2008, quando o historiador norte-americano Peter Winn escrevia a introdução de *A Revolução Chilena* (2010) encomendado pela Editora Unesp e parte da coleção organizada por Emília Viotti da Costa, muito pertinentes foram as palavras, análises e reflexões do autor acerca do tema, de seu legado e das relações, aproximações e afastamentos entre o caso chileno e o caso cubano. Desde o primeiro momento de seu trabalho, bem como dos de tantos outros autores, não é difícil perceber que do Caribe ao Cone Sul, Cuba e Chile encontram-se e dialogam através de seus processos revolucionários.

Contudo, se àquela época parecia óbvio dizer que a Revolução Chilena – pelo caminho democrático que a caracterizou – parecia mais relevante do que a Revolução Cubana para a América Latina do século XXI (até então quase toda governada por presidentes à esquerda), hoje em dia, passada mais de uma década, seria preciso refletir novamente e verificar que o caminho democrático que impulsionou os presidentes da esquerda latino-americana nos últimos anos mostrou-se insuficiente para a sustentação do grupo nas estruturas de poder de seus respectivos países. A retomada de tendências conservadoras e, em alguns casos, do golpismo¹, em pouco tempo, reconfiguraram o cenário político latino-americano devolvendo ao poder, com efusivo apoio da imprensa, representantes do capital estrangeiro com suas conhecidas agendas neoliberais que há décadas tem marcado a história da região.

Nesse sentido, mostra-se urgente para o campo das Ciências Humanas lançar luz a temas que permitam um entendimento ampliado e aprofundado dos usos políticos da imprensa, encontrando pistas, caminhos e respostas que viabilizem a compreensão de seu papel na construção de projetos políticos e na difusão de ideias. Assim, resta fundamental articular dois dos mais importantes projetos revolucionários de esquerda para a América Latina no século XX, tendo como eixo basilar o papel desempenhado pelas mídias impressas de esquerda de Cuba e do Chile naquele momento.

¹ Cumpre notar que, a despeito das múltiplas interpretações que cabem ao conceito de golpe de Estado, nos valem da noção de “golpe branco” debatida por Michel Goulart da Silva (2020) em que o autor, em diálogo com outros intelectuais, observa nesse tipo de golpe – utilizado em diferentes momentos na América Latina, inclusive em alguns casos mais recentemente – a marcante característica do uso da mobilização popular como instrumento de pressão aos governos causando mudanças na institucionalidade. Em tempo, destaca-se a ponderação de Silva em torno do fato de que o entendimento contemporâneo de golpe não é o mesmo que se tinha em outros momentos históricos, portanto alertamos que não se pode transpor a definição em tela a outros contextos de maneira indiscriminada.



Para tanto, é importante considerar e, como não, tomar como ponto de partida algumas considerações de caráter introdutório que, por básicas que possam ser, se fazem indispensáveis para a compreensão da discussão que pretendemos levar a cabo.

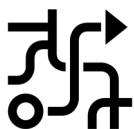
Primeiramente, há de se pontuar que a Revolução Cubana (1959) se produziu através de um processo armado que contestava uma ditadura militar, reclamava o poder e não possuía um programa socialista e, menos ainda, comunista em si – muito embora, segundo Fidel Castro, os dirigentes do *Movimiento Revolucionario 26 de Julio* (M-26/7) fossem, desde àquela época, socialistas (MENCÍA, 1985, p. 139). Pelo contrário, e é preciso muito bem situar o grupo que chegou ao poder em 1959, eram, isso sim, nacionalistas e mantiveram essa tendência ao menos em seus primeiros anos de poder.

No Chile, por sua vez, o movimento que levou Salvador Allende ao poder através das eleições de 1970 era aberta e marcadamente socialista. A própria Unidade Popular (UP), coalizão de partidos que lançou e apoiou a candidatura de Allende, era composta, dentre outras siglas, pelos partidos Socialista e Comunista. Ademais, como já citado, o processo encontrado naquele país foi oposto à via armada cubana – que nos anos 1970 era já parte integrante do Bloco Socialista no contexto da Guerra Fria.

Em que pese essas considerações iniciais e o intervalo de mais de uma década entre as duas revoluções, o ponto de intersecção entre elas está não na relação estabelecida entre as duas nações a partir da vitória de Allende nas urnas, e menos ainda na controversa visita de Fidel Castro ao Chile em novembro de 1971: a compreensão do estabelecimento de relações entre Cuba, Chile e suas revoluções passa, mormente, pela relação estabelecida entre os dois líderes latino-americanos ainda em 1959, desenvolvendo-se durante os anos 1960 e estreitando-se, enfim, a partir da vitória de Salvador Allende no início dos anos 1970. Em 1972, Salvador Allende retornou a Cuba, em um encontro que reafirmou a solidariedade estabelecida entre os dois líderes e os dois países.²

Nosso objetivo com o presente trabalho está, portanto, em preencher uma lacuna histórica que temos identificado em nossas investigações ao percebermos que os debates a respeito das trocas e influências político-culturais entre Cuba e Chile, muitas vezes, deixam

² A esse respeito, é cabível pontuar que houve, para além da relação supramencionada entre Castro e Allende, um contato e uma conexão bastante importantes entre partidos, movimentos sociais e intelectuais no eixo Cuba-Chile, sobretudo considerada a importância da revolução cubana como modelo para diferentes países do continente. Entretanto, entendemos que o ponto alto dessa relação e seu estreitamento passa, de forma inquestionável e de maneira fundamental, pela relação pessoal entre os dois líderes.



passar a importante e sólida relação entre o comandante Castro e o então senador Allende, cujo potencial revolucionário era percebido já em 1959 pela imprensa cubana.

É cabível, portanto, que, retomando as considerações de Peter Winn (2010, p. 17), nos sintamos na obrigação de concordar com sua percepção e ir além: Cuba e Chile dialogam através de seus processos revolucionários, mas é preciso que se lance luz sobre esses intercâmbios e influências entre as duas nações passando também e antes de mais nada pela relação entre suas respectivas lideranças, no sentido de compreender os caminhos que levaram à influência de uma revolução em relação a outra, analisando o período que antecede a vitória de Salvador Allende no Chile.

Dessa maneira, naturalmente, inserem-se debates, considerações e reflexões a respeito da imprensa cubana e chilena, as quais nos servirão de fonte para dar suporte ao nosso objetivo e demonstrar, uma vez mais, o papel das mídias – no nosso caso, impressas – no âmbito das disputas políticas e da difusão de ideias. Não por outra razão, o presente trabalho cederá espaço para órgãos de expressividade nacional e internacional que, sediados em Cuba e no Chile, davam a conhecer aspectos sobre as visitas de Allende a Cuba, sobre a visão da imprensa ante as relações entre os dois países e, ainda, sobre a visita de Castro ao Chile em 1971.

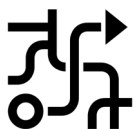
Assim, em diálogo com autores que nos darão embasamento teórico, figuram em posição de destaque o periódico *Revolución*³, órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho; a revista *Bohemia*⁴, importante veículo de informação de Cuba e do Caribe e a revista *Punto Final*⁵, órgão de esquerda no Chile cuja atuação transcendeu o próprio fim do século XX.

Discursos públicos e entrevistas de Allende e Castro também ocupam lugar de relevância em nosso trabalho, tendo em vista serem reveladores de muitos aspectos da relação política e pessoal entre os líderes que, com efeito, abrem caminho para a compreensão e contextualização das visitas e demais relações entre ambos e as respectivas nações latino-americanas.

³ As edições e materiais de *Revolución* utilizadas e/ou reproduzidas no presente artigo foram obtidas através de consulta ao acervo do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP/UNESP/Assis).

⁴ As edições e materiais da revista *Bohemia* utilizadas e/ou reproduzidas no presente artigo foram obtidas através de consulta ao acervo da Latin American and Caribbean Collection (University of Florida/Gainesville).

⁵ As edições de *Punto Final* utilizadas e/ou reproduzidas no presente artigo foram obtidas através de consulta ao acervo do website da revista *Punto Final*, cujo responsável é o Centro de Investigación y Documentación Chile Latinoamerica. Disponível em: <http://www.puntofinal.cl/>. Acesso em: 01/11/2020.



Finalmente, conclusas as considerações iniciais de nosso trabalho e partindo do pressuposto de que as relações entre as revoluções cubana e chilena materializaram-se no marco da viagem de Salvador Allende à Havana em janeiro de 1959, quando Cuba vivia o início de sua revolução e o Chile a tinha, ainda, como um projeto embrionário, devemos nos debruçar sobre esse evento na medida em que ele nos dará subsídios para compreender como esse contato se estreitou no decorrer da década de 1960 e culminou com a conformação de um programa de governo socialista da Unidade Popular para o Chile caracterizado, em grande parte, pela intenção de aproximação com Cuba.

SALVADOR ALLENDE E A REVOLUÇÃO CUBANA: RELAÇÕES PESSOAIS E POLÍTICAS COM FIDEL CASTRO

Médico de formação, Salvador Allende adentrou na vida política na década de 1930. Participou da fundação do Partido Socialista no Chile em 1933, foi deputado, assumiu o Ministério da Saúde e Previdência Social no governo de Pedro Aguirre Cerda (1938-1941), foi senador durante 25 anos e, após diversas tentativas frustradas para o mais alto cargo do executivo chileno, tornou-se finalmente o Presidente da República em 1970 (PRADENAS, 2008, p. 30-33). Sua relação com Cuba e com os dirigentes da revolução cubana começou em 1959, momento em que Allende pousava na ilha no contexto do triunfo revolucionário.

Em 1971, Salvador Allende concedeu uma entrevista ao escritor e filósofo francês Régis Debray⁶, publicada em *Punto Final*, revista de publicação quinzenal desde o seu surgimento em 1965, voltada para assuntos políticos e alinhada aos setores mais radicais da esquerda, como ao Partido Socialista e o *Movimiento de Izquierda Revolucionaria* (MIR). No encontro Allende abordou, entre outras questões, o contexto que o levou a pousar em Cuba e suas impressões sobre a revolução naquele momento. A visita não foi planejada com antecedência, ao contrário, foi fruto das possibilidades que se abriram naquela conjuntura. Allende estava na Venezuela, havia pousado no país para acompanhar a posse presidencial de Rómulo Betancourt e naquele momento, segundo ele, “*me ocurrió, porque tenía unos dólares de más, ir a ver Cuba. Ya Fidel Castro había entrado en La Habana. [...] Pues bien, yo*

⁶ Segundo Adriane Vidal Costa (2013, p.65), nas décadas de 1960 e 1970, Régis Debray foi considerado um intelectual modelo por conseguir combinar teorias e práticas políticas: postulava que o intelectual deveria ser, além de um homem “de ideias”, um homem “de ação”. Para ele, “o segredo do valor intelectual não residia apenas no que esse pensava, mas na relação entre o que pensava e o que fazia”. A entrevista concedida por Allende à Debray deu origem ao documentário *Compañero Presidente* (1972), do cineasta chileno Miguel Littín.



llegué a Cuba el 20 de enero y llegué en un momento muy curioso".⁷ Esse foi, segundo Allende, o seu primeiro contato com a revolução cubana.

O curioso para Allende foi um desfile que tomou as ruas naquela tarde que chegou em Cuba. O então senador acompanhou esse desfile desde o seu hotel, um desfile que para ele

no sólo fue impactante, sino sencillamente fue una cosa increíble. Ese desfile estaba encabezado por 200 policías de Miami e iba en un auto abierto el Alcalde de Miami y, me parece, el Alcalde de La Habana. Entonces, yo al día siguiente pensé tomar el avión y regresar a Chile, cuando me encontré con Carlos Rafael Rodríguez, a quien había conocido en Chile y me dijo: ¿qué estás haciendo acá? Le dije: "Vine a ver esta revolución, pero como no hay tal revolución, me voy". ¿Qué revolución va a ser ésta cuando están los policías de Miami? Entonces me dijo: "Cometes un error, Salvador, quédate aquí, conversa con los dirigentes" [...]⁸

Allende se surpreendeu com a presença de policiais norte-americanos e do prefeito de Miami⁹ no desfile de uma revolução que se presumia anti-imperialista, pautada nos interesses nacionais. Na entrevista, Allende declarou que estava prestes a voltar para o Chile, quando por insistência de seu amigo Carlos Rafael¹⁰ optou por permanecer na ilha, sob condição de que Carlos o colocasse em contato com os dirigentes revolucionários.

O pedido de Allende foi prontamente acolhido. Na mesma tarde, Allende foi informado pela secretária de Che Guevara que um automóvel o buscaria para o encontro. Ao chegar no *Cuartel de la Cabaña* Allende se deparou com Ernesto Guevara, *el Che*, que

Estaba tendido [...] y en ese momento tenía un fuerte ataque de asma. Estaba con el inhalador y yo esperé que se le pasara, [...] entonces le dije: "Comandante", pero me dijo: "Mire, Allende, yo sé perfectamente bien quién es Ud. Yo le oí en la campaña presidencial del 52 [...]. Así es que conversemos con confianza, porque yo tengo una opinión muy clara de quién es Ud." Después me di cuenta de la calidad intelectual, el sentido humano, la visión continental que tenía el Che y la concepción realista de la lucha de los pueblos [...]¹¹

⁷ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 32.

⁸ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 32-33.

⁹ Em que pese a presença de autoridades norte-americanas naquela ocasião, essa informação decorre da entrevista de Salvador Allende ora referenciada, ainda que em nossa bibliografia e estudos não tenhamos obtido quaisquer dados ou notícia sobre o ocorrido.

¹⁰ Carlos Rafael Rodríguez (1913-1997) foi um cubano, ministro do Governo Revolucionário. Presidiu em novembro de 1970 a Delegação Cubana na Transmissão do Mandato Presidencial no Chile. Chile e Cuba reestabeleceram relações diplomáticas em dezembro de 1970, quebradas desde 1964 quando Jorge Alessandri acatou a ordem emanada da OEA, no acordo de Punta del Este, que previa o isolamento de Cuba dos países irmãos de América Latina. *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 32.

¹¹ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 33.



A partir desse encontro estava estabelecido o contato político e pessoal entre Allende e o comandante Che Guevara. Os dois personagens compartilharam não somente o amor pela medicina – eram médicos de formação –, mas também, e principalmente, concepções políticas e humanas que se tornaram o alicerce dessa amizade.

Em nome dessa amizade, o comandante Guevara presenteou Allende com um exemplar de *La Guerra de Guerrillas*, presente que para Allende “tem um valor inestimável” e que ele guarda “como um tesouro” em seu escritório. O exemplar traz uma dedicatória que diz: “A Salvador Allende, que por outros meios trata de obter o mesmo”¹². A dedicatória comporta todas as divergências táticas entre os dois caminhos propostos: de um lado, Che Guevara, apostando na revolução pela via armada, de outro, Allende, acreditando que a estabilidade política do Chile sustentaria sua ousada proposta. Enfim, divergências que marcaram as décadas de 1960 e 1970 a partir de leituras distintas da realidade. Debray questionou Allende sobre o motivo que o levou a seguir assumindo a bandeira de Che Guevara e da revolução cubana, se eram propostas políticas distintas das suas. Allende respondeu que o motivo estava expresso na própria dedicatória do exemplar: “*había diferencias indiscutiblemente, pero formales. En el fondo, las posiciones eran similares, iguales*”.¹³

Salvador Allende e Che Guevara voltaram a se reunir em 1961, dessa vez em Montevideu, no Uruguai. Os dois foram convidados por organizações anti-imperialistas uruguaias para uma reunião em resposta àquela realizada em Punta del Este.¹⁴ Na entrevista a Debray, Salvador Allende relembra o encontro: “*Al salir, luego de la charla del Che, éste me dijo: ‘Salvador, salgamos separados para no dar un sólo blanco en caso de atentado’. Abandonamos separados el lugar. Después nos enteramos que se produjo un atentado [...]*”.¹⁵

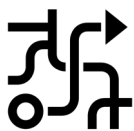
Foi a partir do primeiro contato com Che Guevara que Allende foi apresentado a Raul Castro e, logo em seguida, a Fidel Castro. Em entrevista a Debray em 1971, Allende relembra que ficou impressionado com a inteligência e franqueza de Fidel naquele encontro de 1959. A amizade entre ambos, segundo o próprio Allende, foi uma amizade permeada por

¹² *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 33. Ainda segundo Allende, esse deveria ser o segundo exemplar, pois o primeiro Che Guevara dedicou a Fidel Castro.

¹³ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 35

¹⁴ Sobre essa reunião, ver a nota número 12.

¹⁵ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, março, 1971, p. 34.



“discussões profundas e fortes”, mas com franqueza sempre.¹⁶ A partir desse contato entre os dois líderes, “Castro, *gran conocedor de la naturaleza humana, consideró a Allende como alguien de confianza para él, en el sentido de que le sería fiel y de que mostraba la necesaria obstinación revolucionaria*”. Anos mais tarde, na década de 1970, essa confiança de Fidel em Allende seria expressa em sua solidariedade com o processo revolucionário chileno. Segundo Castro, quando a revolução chilena quisesse e precisasse, poderia contar não somente com os recursos de Cuba, mas com o próprio sangue cubano (FERMANDOIS, 2013, p. 195 e 525).

Intenso e decisivo para os rumos que tomaria a política revolucionária chilena que mais tarde viria à tona, o primeiro encontro entre Fidel Castro e Salvador Allende foi registrado pelo periódico cubano *Revolución*, órgão oficial do Movimento Revolucionário 26 de Julho, datado de 28 de fevereiro de 1959.

Embora tenha desembarcado em terras cubanas em meados de janeiro, Castro e Allende viriam a ser apresentados e reunir-se tão somente cerca de um mês após a chegada do então senador chileno, ocasião na qual o povo cubano pôde conhecer a realidade do país andino exposta por Salvador Allende em uma conferência de imprensa na qual, de acordo com a publicação, ocupou-se também de tecer comentários sobre a revolução que acabava de triunfar em Cuba.

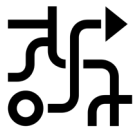
Ainda, resta claro o profundo interesse de alinhamento entre a revolução triunfada em Cuba e a revolução pretendida no Chile, haja vista o fato de a viagem de Allende figurar, dentre outras coisas, como um estudo de campo a respeito do desenvolvimento da revolução cubana e um aceno do senador chileno à Fidel, no sentido de buscar o estabelecimento de relações mais estreitas para o futuro. Através de um trecho da reportagem de Ricardo Marín sobre esse evento histórico conseguimos já visualizar uma síntese do episódio:

El doctor Allende ha venido a Cuba a estudiar el desarrollo de la revolución cubana, a ver de cerca el proceso de estabilización de los principios revolucionarios y a traer al pueblo de Cuba y a sus actuales gobernantes el testimonio de la fervorosa adhesión del pueblo chileno a la lucha emprendida en nuestro país por el establecimiento de un régimen de justicia social y libertades económicas.¹⁷

Tamanha a importância da visita de Allende e do encontro com Fidel Castro que a edição em questão trazia estampada na porção superior de sua capa uma imagem dos dois

¹⁶ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, 16 de março de 1971, p. 33.

¹⁷ *Revolución*. De enorme trascendencia en América Latina la Revolución Cubana. La Habana, n. 72, 28 de fevereiro de 1959, p. 6.



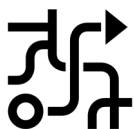
líderes que, pelo tamanho, destacava-se ante as demais. Lado a lado, vê-se Castro e Allende sentados à mesa no Palácio Presidencial de Cuba.



Revolución. De enorme transcendencia en América Latina la Revolución Cubana. 28 de fevereiro de 1959, capa.

Com o clássico uniforme verde oliva, o agora recém nomeado Primeiro-Ministro de Cuba¹⁸ aparece na porção direita da imagem, ocupando metade do plano e olhando em direção à outra extremidade, local em que, próximo a ele, está Salvador Allende vestido em seu terno e correspondendo ao olhar de Castro no que parece ser um diálogo em meio a uma refeição, cuja mesa está posta. A importância do encontro é complementada pela porção

¹⁸ Apesar da importância e do protagonismo que assumiu Fidel Castro na etapa insurrecional da revolução cubana (1953-1958) na liderança do M-26/7 e na derrocada de Fulgencio Batista, após triunfada a revolução em janeiro de 1959, assumiu a presidência da República Manuel Urrutia e o cargo de primeiro-ministro José Miró Cardona, que tão somente se afastaria dessas funções no mês seguinte, ocasião na qual Castro, aos 16 dias do mês de fevereiro, assumia o cargo.



final da legenda que logo abaixo da fotografia pode ser lida: Allende convidou Fidel a visitar seu país.

Todavia, a presença de Salvador Allende em Cuba não ficaria restrita apenas a essa viagem. Luiz Alberto Moniz Bandeira dá conta do retorno de Allende a Cuba novamente no ano de 1962, por ocasião da Segunda Declaração de Havana, em 05 de fevereiro. Evento esse no qual, vale lembrar, o embaixador brasileiro em Havana, Luís Bastián Pinto, relatava que, pela primeira vez, o governo revolucionário de Cuba se lançava evidentemente em meio às disputas e tensões da Guerra Fria, já que a partir daquele momento Havana assumia o papel de orientação das lutas revolucionárias que deveriam ser levadas a cabo no continente (BANDEIRA, 2009, p. 373). E lá estava Allende, em mais uma demonstração de suas intenções para com Fidel Castro e a revolução cubana.

FIDEL CASTRO E A REVOLUÇÃO CHILENA: OLHARES DA IMPRENSA SOBRE A VISITA

Em 1970 o Chile passou a ser o foco das atenções mundiais. O país, apostando em uma alternativa sem precedentes históricos, iniciou uma experiência inédita com o triunfo de Salvador Allende nas eleições presidenciais em 4 de setembro daquele ano. Allende foi eleito sustentado pela Unidade Popular, uma coalizão política que reunia partidos de esquerda e centro-esquerda¹⁹, com o objetivo de lançar as condições básicas favoráveis ao estabelecimento do socialismo no país. A proposta ousava ao buscar a conquista do socialismo a partir dos meios legais e de reformas institucionais graduais, o que ficou conhecido como “a via chilena ao socialismo”. A esquerda chilena de 1970 apostou na democracia como suporte para o seu projeto revolucionário, atitude que pode ser sintetizada na expressão *nuestra sierra es la elección*, indicando que, enquanto em Cuba a revolução se fez a partir das lutas e conflitos das montanhas, no Chile a revolução seria feita a partir da eleição e da própria democracia.

Em entrevista à Debray, Allende lembrou a reação de Fidel Castro ao ser informado que a Unidade Popular havia vencido as eleições presidenciais do Chile. Segundo Allende, confirmada a vitória da UP, Fidel o enviou uma manchete do diário *Granma*, portavoz oficial da revolução cubana, constando a notícia da vitória eleitoral. A publicação

¹⁹ De acordo com Alberto Aggio (2002, p.15), além dos partidos Socialista (PS) e Comunista (PC), a Unidade Popular abrigava também o Partido Radical (PR); Social-Democrata (PSD); Ação Popular Independente (API) e o Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU).



destacava que o triunfo da Unidade Popular representava a vitória do Chile sobre o imperialismo e apresentava uma saudação de Fidel ao processo revolucionário desencadeado no país a partir daquela vitória.²⁰ Na manhã do dia 5 de setembro, a primeira chamada que Salvador Allende recebeu do estrangeiro veio de Cuba, de Fidel Castro. Desde o dia anterior, Fidel estava na redação do diário *Granma* aguardando informações sobre o resultado eleitoral do Chile (FERMANDOIS, 2013, p. 427).

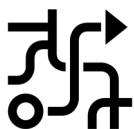
Consolidada a vitória eleitoral da Unidade Popular em 1970, Fidel comunicou a Allende que o Chile não precisava estabelecer relações imediatas com Cuba, considerando que o governo popular recém-instaurado ainda precisava de bases de sustentação que permitissem um diálogo com a oposição. No entanto, nove dias após a vitória, Allende reestabeleceu relações e mostrou sua solidariedade com Cuba, rompendo definitivamente com as resoluções da OEA. Naquele contexto, surgiram rumores que Fidel iria para o Chile para a cerimônia de posse de Allende. No entanto, o líder cubano, em uma atitude sensível ao contexto peculiar do processo chileno, optou por não trazer problemas imediatos para Allende, quando o seu nome e a sua presença causavam tanto incômodo na oposição (FERMANDOIS, 2013, p. 520).

A partir de uma leitura realista da conjuntura do Chile, Allende concordou que a chegada de Fidel no início de seu governo poderia trazer problemas incontornáveis à Unidade Popular. Por isso, atrasou a viagem de Fidel até que estivesse consolidado o seu governo no país e consistente as boas relações do Chile com outros países da América Latina (GARCÉS, 1993, p. 140). A avaliação de Allende considerou, finalmente, o ano de 1971 como o momento oportuno para a visita. Nesse primeiro ano de governo, a Unidade Popular adquiriu maior força eleitoral²¹ e conseguia sustentar, até certa medida, um diálogo com outros setores políticos fora do espectro da esquerda.

Relações diplomáticas e comerciais entre Chile e Cuba já estavam previstas no Programa de Governo da Unidade Popular, espécie de livreto que veio a público em 1969, no contexto da campanha eleitoral, trazendo toda a plataforma política que sustentava a candidatura de Allende. Na sessão “Política Internacional do Governo Popular”, o programa afirmava que “*se reforzarán las relaciones, el intercambio y la amistad con los países*

²⁰ *Punto Final*. Entrevista Allende-Debray. Santiago, n° 126, março, 1971, p. 33.

²¹ De acordo com Alberto Aggio (2002, p. 117), a força eleitoral adquirida pela Unidade Popular foi expressa nas eleições municipais de abril de 1971, em que os candidatos vinculados à UP conseguiram atingir quase 50% dos votos.



socialistas. [...] Del mismo modo [el programa] se solidarizará en forma efectiva con la *Revolución Cubana*".²²

Embora a Unidade Popular pretendesse, em 1969, o intercâmbio, a amizade e a solidariedade do Chile com Cuba em perspectiva formal e institucional, a relação entre as esquerdas dos dois países já havia se estabelecido em 1959 e se desenvolvido durante a década de 1960, em âmbito político e pessoal, figurada na amizade estabelecida entre Salvador Allende e Fidel Castro.

A relação política formal estabelecida entre a Unidade Popular e Cuba, bem como a relação de amizade pessoal construída entre Allende e Castro, permitiram que o líder revolucionário cubano pousasse no Chile em 10 de novembro de 1971, para acompanhar os desdobramentos do processo revolucionário no país desencadeado por Allende. Em 1959, Allende havia pousado em Havana com o mesmo objetivo: acompanhar a revolução.

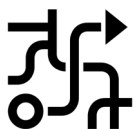
Sobre esse assunto, Richard Gott pontuou:

Salvador Allende, partidário e amigo íntimo de Fidel Castro, muitas vezes candidato à presidência pelo Partido Socialista Chileno, foi eleito presidente do Chile em 1970 [...] Castro chegou a Santiago do Chile em novembro de 1971, para ver o novo regime por si mesmo e trocar experiências com seus velhos amigos (GOTT, 2006, p. 281).

Desse modo, mais de uma década após o convite de Allende estampado em *Revolución*, Fidel Castro aterrissava no Chile para sua primeira viagem após quase uma década sem sair da ilha, chegando no país em pleno curso do primeiro ano do governo Allende, momento em que a Unidade Popular adquiria maior força política, conforme mencionado. No entanto, o bom desempenho da Unidade Popular nas eleições municipais não impediu a gestação de sérias dificuldades que, dois anos mais tarde, em 11 de setembro de 1973, colocariam fim ao governo popular a partir do ataque das forças armadas ao Palácio Presidencial de *La Moneda*.

Fidel pousou no aeroporto de Pudahuel, que naquele momento se assemelhava a uma base militar ocupada por equipes de segurança de Cuba e do Chile. Allende e outras autoridades civis, militares e eclesiásticas esperavam Fidel Castro na recepção oficial. No entanto, o presidente do Senado, Patricio Aylwin, e o presidente da Câmara dos Deputados, Fernando Sanhueza, ambos da Democracia Cristã, não estiveram presentes no ato protocolar de recepção (FERMANDOIS, 2013, p. 521). Essa ausência correspondia às

²² Programa basico de Gobierno de la Unidad Popular. Santiago, 1969. p. 32-34.



questões e conflitos internos da política chilena: após o assassinato de Pérez Zujovic²³, o Partido Democrata Cristão começou a se afastar do programa de governo da Unidade Popular, buscando aliança com a direita, representada pelo Partido Nacional. A revista chilena *Punto Final*, em uma reportagem que refletiu a visita de Fidel no Chile, questionou a ausência do poder judiciário e do poder legislativo no cerimonial. Isso indicava, segundo a revista, o controle exercido pela direita sobre esses setores, que se automarginalizaram da recepção.²⁴

Na viagem, o líder cubano percorreu o país de norte a sul, com uma agenda intensa e agitada, de inúmeras conferências, discursos, diálogos e reuniões com trabalhadores e estudantes universitários. Durante as três semanas que permaneceu no Chile, Fidel foi hóspede dos trabalhadores e buscou estabelecer contato direto com o setor operário, conhecendo minas, sindicatos e oficinas de trabalho.

Desde Havana, Fidel revelou que no Chile buscava conhecer a realidade dos mineiros do cobre, “seguro de su creencia de que en los trabajadores del cobre se encuentra gran parte del secreto de la suerte del tránsito chileno al socialismo”. Os trabalhadores afirmaram a um periodista, enviado especial de *Punto Final* para cobrir a viagem do Primeiro-Ministro cubano ao norte do país, que “Fidel no es como los políticos que hablan de pura política y no le preguntan nada a los obreros”, ao contrário, Fidel demonstrava interesse pelas formas de organização e produção desses trabalhadores do cobre e do salitre.²⁵

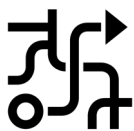
Os veículos de imprensa opositores ao governo popular utilizaram a visita de Fidel Castro como instrumento de propaganda contrarrevolucionária, alimentando o medo de setores da direita e do centro, que temiam que o Chile pudesse chegar a ser uma nova Cuba.²⁶ Para a imprensa contrarrevolucionária, a visita de Fidel era prova de uma “identidade compartilhada” entre as revoluções, ainda que naquele momento o posicionamento de Cuba no cenário internacional muito mais se aproximasse do Partido Comunista Chileno – pelo alinhamento com Moscou – do que da Unidade Popular de Allende.

²³ Pérez Zujovic foi ministro do governo do democrata cristão Eduardo Frei (1964-1970). Em junho de 1970 foi assassinado pelo grupo de extrema esquerda Vanguarda Organizada do Povo (VOP), não vinculado à Unidade Popular. Apesar disso, após o ocorrido, as relações entre DC e UP foram afetadas.

²⁴ *Punto Final*. Reflexiones sobre la visita de Fidel. Santiago, n° 144, 23 de novembro, 1971, p. 2.

²⁵ *Punto Final*. Fidel en Chile: Algunas impresiones e ideas de Fidel Castro. Santiago, n° 144, 23 de novembro, 1971, p. 27-28.

²⁶ O jornal expoente da imprensa opositora a Allende no Chile foi *El Mercurio*. Segundo Joan Garcés (1993, p. 140), em 1971 *El Mercurio* recebeu US\$ 700 mil de doação do Comitê Quarenta, grupo empresarial dos EUA.



No entanto, não podia deixar de fazer aquela visita e de expressar a solidariedade e o apoio de Cuba àquele governo, sobretudo depois de toda a solidariedade prestada por Allende à revolução cubana desde 1959. É importante, nesse contexto, recordar que na década de 1960 Salvador Allende havia sido, juntamente com seu partido, um dos patrocinadores da Organização Latinoamericana de Solidariedade (OLAS), cujo objetivo consistia no apoio cubano às guerrilhas da América Latina, muito embora não tenha sido esse o caminho adotado pelo próprio Allende (GOTT, 2006, p. 281).

Dessa maneira, em Cuba ecoava o feito histórico da visita de seu líder histórico ao Chile. Após mais de uma década sem viajar pela América Latina, esse fato virou notícia na ilha e uma das mais importantes vozes da imprensa cubana e, como não, caribenha, deu espaço ao tema. Àquela época dirigida por Ángel Guerra, a edição da revista *Bohemia* de 12 de novembro de 1971 levava em sua capa uma fotomontagem espetacular, em cuja composição verificava-se no primeiro plano os retratos de Salvador Allende e Fidel Castro, lado a lado, sendo a imagem do líder cubano timidamente sobressalente. Ambos com as vestimentas formais que lhes caracterizava – Allende, de terno; Castro, fardado –, miravam o horizonte com aspecto de serenidade e altivez. Acima de suas imagens, as bandeiras cubana e chilena, ambas num tamanho significativamente menor. Enquanto isso, ao fundo da montagem figuravam imagens desfocadas que demonstravam pessoas em aparente comemoração. O encontro dos líderes era um evento histórico.



Bohemia. Chile – “Vivir con honor o morir con gloria”: Un esbozo de Historia del país que visita Fidel. 12 de novembro de 1971, capa.

Em seu conteúdo, a edição de *Bohemia* supramencionada não faltou em dar a conhecer ao povo de Cuba informações sobre a história do Chile, através do artigo *Chile – “Vivir con honor o morir con gloria”: Un esbozo de Historia del país que visita Fidel*, publicado na famosa seção *En Cuba* da referida revista, dedicada, naquela ocasião, à visita de Fidel Castro ao Chile. Na matéria de 10 páginas, a revista aborda a origem do nome do país, suas raízes históricas, colonização, emancipação e importância para a América Latina, concluindo, finalmente, com aspectos sobre a chegada de Allende ao poder e seu governo,



em cuja página lê-se uma frase de Allende sobre Fidel Castro: “*Si yo invito a Fidel Castro a visitar Chile es porque el Pueblo de Chile quiere a Cuba*”.²⁷

No Chile, entretanto, Fidel Castro se viu sob vigilância constante da direita. Por isso, autolimitou seus atos e palavras, assumindo atitude cautelosa em suas intervenções públicas a fim de que nada que falasse ou fizesse pudesse ser utilizado contra a Unidade Popular.²⁸

Em contrapartida, os veículos de imprensa ligados a grupos de esquerda saudaram a chegada de Fidel e utilizaram a visita para instigar e mobilizar as massas, apresentando a vitalidade do pensamento revolucionário na América Latina, de Cuba até o Chile, como é o caso da já mencionada *Punto Final*. Os discursos e diálogos que compuseram o itinerário de Fidel Castro no Chile foram amplamente publicados em *Punto Final*, que dedicou um número inteiro à visita e trouxe as palavras proferidas por Fidel no Chile em versão integral, com transcrições textuais de gravações realizadas, para maior fidelidade ao discurso.²⁹

As palavras de Castro no Chile impactaram principalmente a esquerda radical do país, que tinha como inspiração o modelo revolucionário cubano, pautado em realizar a revolução a partir da luta armada. Fidel compreendia a força de suas palavras sobre a esquerda radical, e por isso, em suas intervenções, se referiu a esse setor com muita cautela. Seus discursos levaram a esquerda para uma reflexão vigorosa, sobretudo as palavras proferidas em uma reunião com universitários em Antofagasta. Nessa reunião, Fidel alertou sobre o perigo que o sectarismo representava dentro das esquerdas para a continuação do governo popular. Esse foi um dos problemas de maior relevância para o caso chileno, segundo a avaliação de Fidel, e de acordo com *Punto Final*, “*la voz de alerta que lanzó el compañero Fidel Castro merece ser escuchada*”.³⁰

²⁷ *Bohemia*. Chile – “Vivir con honor o morir con gloria”: Un esbozo de Historia del país que visita Fidel. La Habana, ano 63, nº 46, 12 de novembro de 1971, p. 58-67.

²⁸ *Punto Final*. Reflexiones sobre la visita de Fidel. Santiago, nº 144, 23 de novembro, 1971, p. 3.

²⁹ A edição que homenageia a presença de Fidel no Chile é a nº144, de 23 de novembro de 1971. A capa da edição apresenta uma fotografia de Fidel e de Allende, ambos em aparente reverência um em relação ao outro. Essa edição apresenta um suplemento que continua a saudar a visita de Fidel Castro e a publicar suas principais intervenções em território chileno. A edição nº 145 da revista, que também traz os discursos de Fidel, teve sua publicação no Chile adiantada em alguns dias, tendo como justificativa a “necesidad de dar a conocer ampliamente el pensamiento político del Primer Ministro cubano y el éxito de nuestra anterior edición, que contenía los discursos pronunciados por él en la zona norte, nos llevaron a tomar esta medida que, creemos, responde al interés de nuestros lectores. [...] Nuestros compañeros, conscientes de la necesidad de adelantar este número de PF, aportaron entusiasta trabajo para atender en breve plazo el requerimiento popular por los discursos de Fidel Castro”. *Punto Final*. Editorial. Santiago, nº 145, 30 de novembro, 1971, p. 1.

³⁰ *Punto Final*. Reflexiones sobre la visita de Fidel. Santiago, nº 144, 23 de novembro, 1971, p.3.



A força exercida pelas palavras de Fidel sobre a esquerda radical do Chile pode ser percebida no posicionamento de *Punto Final*. De tendência radical e defensora da via armada, *Punto Final*, ao publicar as considerações de Fidel Castro sobre o sectarismo nas esquerdas, adotou um discurso dialógico com a esquerda reformista, afirmando a necessidade de união revolucionária, condição imperativa para a condução do caminho para o socialismo. Dessa forma, *Punto Final* afirma estar disposta a dar sua contribuição no sentido de superar essas divergências táticas entre as esquerdas, para que não “*se pierda esta oportunidad histórica de atacar y vencer al verdadero enemigo*”.³¹ *Punto Final* destacou a importância das contribuições de Fidel para a unidade das esquerdas do Chile. Segundo a revista:

Creemos que en estos difíciles momentos del proceso chileno, cuando es más necesaria que nunca la unidad y la voluntad combativa de las fuerzas revolucionarias, [...] [que] los discursos de Fidel Castro en Chile sirven a ese propósito. Avanzar hacia el socialismo para atajar al fascismo [...] Sólo así mereceremos la confianza y solidaridad que nos brindan pueblos revolucionarios como el de Cuba.³²

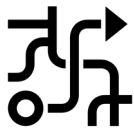
Se voltarmos nossa atenção para a imprensa cubana naquele momento, resta infalível visualizar a repercussão e o impacto da presença de Fidel no Chile e seus desdobramentos na mídia chilena. Por estranha que possa parecer essa colocação, ela expressa literalmente o que queremos dizer: revista *Bohemia*, em edição de 19 de novembro de 1971, com mais informações vindas do Chile do que em sua edição anterior, deu lugar às notícias da viagem de Castro com um rico material que visava traduzir a euforia do povo chileno que esperava Fidel Castro nas ruas daquele país e, mais do que isso, demonstrar como o assunto era tratado com atenção, cuidado e honras pela imprensa chilena.

Ganham notável espaço imagens que, mais do que as letras, exprimem a essência da visita: a união entre Cuba e Chile, chancelada pelas massas chilenas e referendada pelos órgãos de imprensa.

A já destacada seção *En Cuba* aparecia novamente como responsável por unir todas as informações e dados sobre Castro no Chile. Tal qual em edição anterior - porém dessa vez com um material mais completo e bem estruturado - *Bohemia* se dedicava a levar para a opinião pública cubana a importância daquele contato e, para isso, nada melhor do que demonstrar todos os aspectos positivos a esse respeito, excluindo estrategicamente toda a tensão com grupos opositores de Allende.

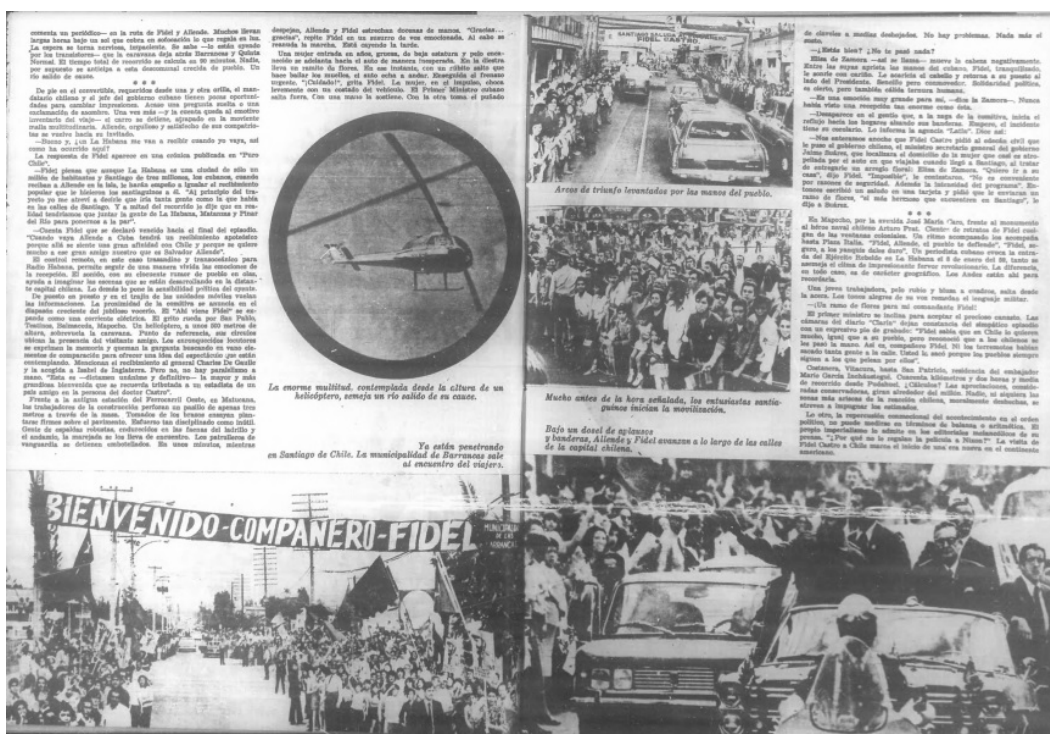
³¹ *Punto Final*. Reflexiones sobre la visita de Fidel. Santiago, n° 144, 23 de novembro, 1971, p.5.

³² *Punto Final*. Editorial. Santiago, n° 146, 7 de dezembro, 1971, p. 1.



Sob o título *El viaje de Fidel*, a revista cubana iniciava a primeira de uma sequência de 28 páginas apenas sobre a visita de Fidel Castro e seus reflexos no Chile e em Cuba. A quantidade de fotografias chama a atenção, embora seu uso fosse uma tendência já conhecida em *Bohemia*. Isso porque o público leitor foi tomado por uma avalanche de aproximadamente 30 imagens especificamente sobre Fidel Castro (com ou sem Salvador Allende) nas referidas 28 páginas, fora outras que retratavam mais especificamente outros cenários.

Dessas, destacam-se algumas pelo seu significado naquele momento:



Bohemia. El viaje de Fidel. 19 de novembro de 1971, p. 54-55.

Ocupando parte significativa das páginas 54 e 55 daquela edição, as imagens chamam mais a atenção do que o próprio texto e apresentam ao leitor já por meio da mensagem visual o que longas páginas escritas buscam dizer: o entusiasmo popular era evidente. Na porção inferior da página 54 vê-se uma multidão, separada por um corredor vazio e carros ao longe enquanto, acima do povo, destaca-se a faixa: *Bienvenido compañero Fidel*. Por entre o povo, alude-se, passaria o carro aberto que levava Fidel Castro e Salvador Allende.

Na página seguinte, a revista completava a informação por meio da mensagem visual: na parte inferior de sua página 55 destacavam-se Fidel Castro e Salvador Allende em



carro aberto no primeiro plano da fotografia, seguidos por carros e por homens ao fundo que, a despeito da importância de ambas as figuras, poderiam ser responsáveis por sua segurança. A frente do veículo que transportava os líderes latino-americanos, um batedor em sua motocicleta. Fidel Castro, em pé no carro aberto, olhava e acenava para a multidão que completava a composição fotográfica à margem esquerda da imagem.

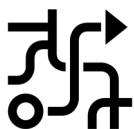
O texto, por sua vez, já dava indícios do tratamento dado à Fidel Castro pela imprensa chilena – especificamente pelo extinto periódico chileno de esquerda *Clarín*. O tom descritivo e entusiasmante de *Bohemia* prendia o leitor à “magia” daquela viagem, comparando-a com a atmosfera da entrada dos rebeldes em Havana em 1959.

Un ritmo acompasado los acompaña hasta Plaza Italia. “Fidel, Allende, el pueblo te defiende”, “Fidel, seguro, a los yanquis dales duro”. Un periodista cubano evoca la entrada del ejército rebelde en La Habana el 8 de enero del 59, tanto se asemeja el clima de impresionante fervor revolucionario. La diferencia, en todo caso, es de carácter geográfico [...] Una joven trabajadora, pelo rubio y blusa a cuadros, salta desde la acera. Los tonos alegres de tu voz remedan el lenguaje militar: ¡Un ramo de flores para mi comandante Fidel! [...] Las cámaras del diario “Clarín” dejan constancia del simpático episodio con un expresivo pie de grabado: “Fidel sabía que en Chile lo quieren mucho, igual que a su pueblo, pero reconoció que a los chilenos se les pasó la mano. Así es, compañero Fidel. Ni los terremotos habían sacado tanta gente a la calle. Usted lo sacó porque los pueblos siempre siguen a los que pelean por ellos”.³³

Com efeito, resta claro o papel desempenhado pela imprensa e sua força de atuação no campo da política e das ideias em ambos os países. Em conformidade com o que Maria Helena Rolim Capelato (2015, p. 115) já colocou a respeito dos interesses em jogo que envolvem a produção de um jornal, compreendemos ser cada vez mais indispensável, ao nos debruçarmos sob órgãos de imprensa - sobretudo no caso de uma imprensa militante -, observar os interesses envolvidos entre órgão e fato, sendo esses fatores determinantes na construção da narrativa adotada e publicizada, já que, do ponto de vista político, busca-se produzir um efeito nas massas através da opinião pública.

Não por outra razão, historicizar a fonte, como proposto por Tania de Luca, é importante em nosso caso para, dentre outras coisas, a averiguação e compreensão do que foi escolhido pelo órgão e por quê. Assim, podem-se observar os interesses em jogo, e compreender, para além da função social dos órgãos de imprensa a que tomamos como fonte, também sua função política através da opinião pública (LUCA, 2008, p. 135).

³³ *Bohemia*. El recibimiento – delirante entusiasmo popular. La Habana, ano 63, nº 47, 19 de novembro de 1971, p. 55.



AMIZADE, PODER E REVOLUÇÃO: TENSÕES E CONTRADIÇÕES ENTRE SALVADOR ALLENDE E FIDEL CASTRO

No Chile, os discursos de Fidel foram articulados com objetivos precisos. Além de buscar a organização das esquerdas, unindo forças reformistas e rupturistas³⁴ com base no objetivo compartilhado de conquistar o socialismo, Fidel também pronunciou um discurso direcionado para as mulheres chilenas, no Estádio Santa Laura. Rodeado pelo público feminino, Fidel questionou o papel de subordinação das mulheres no sistema capitalista e apontou para o horizonte promissor que as novas sociedades socialistas e comunistas apresentavam para esse segmento da sociedade.³⁵

Para compreender o sentido utilitário desse discurso, é preciso recordar que no primeiro dia de dezembro de 1971, enquanto o líder cubano ainda estava no Chile, uma manifestação protagonizada pelas mulheres tomou as ruas do país, mobilizadas pelo “poder feminino”.³⁶ As mulheres saíram às ruas de Santiago com panelas vazias, batendo-as enquanto desfilavam, em protesto contra a escassez de alimentos, o governo popular e à presença de Fidel no Chile.³⁷

Uma grande manifestação hostil realizou-se em Santiago, organizada por partidos de direita, constituída na maior parte por mulheres dos subúrbios afluentes que batiam em panelas e frigideiras vazias [...] para sugerir que o socialismo era um arauto da fome. “Não queremos Castro aqui” era o slogan menos ofensivo (GOTT, 2006, p. 281).

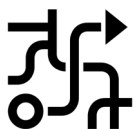
No contexto da chamada “marcha das panelas vazias”, Fidel Castro questionou a inação das mulheres de esquerda, que não estavam nas ruas confrontando as opositoras, e as convocou a lutar em defesa da revolução. Naquele momento, Allende foi informado que nos bairros populares, haviam mulheres organizadas e dispostas a “marchar sobre o centro da cidade e mostrar às da burguesia o que significava para elas ‘panelas vazias.’” (FERMANDOIS, 2013, p. 142). No entanto, as mulheres de esquerda foram dissuadidas de marchar pelas ruas de Santiago sob orientação de Allende, que avaliou e concluiu que um

³⁴ Para uma discussão mais aprofundada sobre as divergências táticas entre as esquerdas do Chile nesse período, ver: VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: Cuando hicimos historia: la experiencia de la Unidad Popular. VALLEJOS, Julio P. [coord.]; MOULIAN, Tomás. [et al.]. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

³⁵ *Punto Final*. Fidel en Chile: a las mujeres chilenas. Santiago, n° 146, 7 de dezembro, 1971, p. 36-37.

³⁶ Organização financiada pelos serviços de inteligência dos EUA (GARCÉS, 1993, p. 168).

³⁷ De acordo com Femandois (2013, p. 530), as mulheres protestavam com palavras de ordem que diziam: “No hay carne, fúmate un habano”; “Calabaza, calabaza, Fidel para tu casa!” e “Chile sí, Cuba no!”, em evidente descontentamento com a presença de Fidel no país.



enfrentamento entre civis era precisamente o que a direita esperava, para que fosse justificada a intervenção das forças armadas.

Nesse sentido, é possível perceber a intencionalidade do discurso de Castro, direcionado especificamente para um setor que, naquele momento, estava no auge do conflito da luta de classes, bem como resta evidente a contradição que se impunha entre ele e Allende, apesar de toda a aproximação pretérita que caracterizava sua relação.

Naquela ocasião, o decreto de Allende que colocou o país em Estado de Emergência em resposta à marcha das “panelas vazias” foi objeto de crítica por parte de Fidel Castro, que considerava a necessidade de uma medida mais enérgica do governo chileno diante da situação. Segundo Alberto Aggio, Allende teria então respondido a Castro por meio de um emissário: “Diga a Fidel, com suavidade, que aqui no Chile quem resolve essas coisas sou eu, de acordo com meu leal saber e entender” (AGGIO, 2003, p. 161).

A visita de Fidel, que estava prevista para durar apenas 10 dias, se estendeu até 4 de dezembro de 1971 e a própria mudança de planos para a permanência no país mostrava o sentido de sua viagem: “ele queria ter uma sólida visão da experiência socialista de Allende” (SZULC, 1987, p. 739).

Após o seu retorno a Cuba, *Punto Final* publicou algumas cartas de cubanos que agradeciam a hospitalidade e boa recepção do Chile. Um dos correspondentes, após solicitar o exemplar de *Punto Final* em homenagem a Fidel, agradeceu o cuidado e carinho que o líder cubano recebeu no país.

Debo confersarle, querido compañero, que cuando Fidel se fue para su patria yo estaba un poco recelosa. Pero han sido Uds. tan buenos y lo han recibido con tanto cariño que me han hecho la idea que él estaba en una provincia de Cuba. Siento que Uds. los chilenos son mis hermanos y que lo quieren y lo cuidaron como lo queremos nosotros, pues tiene Ud. que saber que Fidel Castro en Cuba no necesita escolta. El pueblo de Cuba siempre ha querido a Chile, pero ahora sentimos como si nuestras fronteras crecieran y estuviéramos unidos hasta por la tierra.³⁸

Esse, porém, não pode ser tomado como o sentimento geral da nação e nem mesmo das esquerdas do Chile, sobretudo diante de descompassos entre a política adotada por Salvador Allende e aquela defendida por Fidel Castro.

Em que pese a discordância entre alguns autores no que tange à visão que Fidel Castro levou do Chile, se por um lado é cabível destacar os apontamentos de Tad Szulc ora citados no sentido de sua satisfação com a estadia e calor recebido, por outro lado, é

³⁸ *Punto Final*. Correo: Cartas de Cuba. Santiago, n° 148, 4 de janeiro, 1972, p. 2 e 33.



pertinente observar que, para Richard Gott, além de considerar Allende muito teimoso, “Castro guardou uma visão pessimista do futuro do Chile” pela sua incapacidade de compreender “a relutância de Allende em armar a classe trabalhadora” (GOTT, 2006, p. 282).

Alberto Aggio, de maneira bastante perspicaz, observou e ponderou a respeito dessa questão. Para o autor, embora Castro tivesse se comprometido a não se intrometer em assuntos internos do Chile, acabou por fazer justamente o oposto e, nesse sentido, apenas o episódio da marcha das “panelas vazias” já nos daria essa certeza. Contudo, outros foram os fatos que poderíamos elencar com o intuito de comprovadamente afirmar as tensões e discordâncias entre os dois personagens históricos.

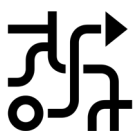
Em discurso no Estádio Nacional para milhares de pessoas, Fidel Castro não perdeu a chance de mostrar sua pretensa grandeza política comparada à figura de Allende, afirmando que aquele ato não se comparava aos que ele poderia convocar em Havana, além de, em outra ocasião, ter aproveitado um de seus discursos para relativizar a revolução chilena e, enfim, questionar sua autenticidade, numa explícita demonstração de discordância com a chamada via chilena pelo seu caráter pacífico e democrático (AGGIO, 2003, p. 162).

Entretanto, divergências de ordem procedimental em nada podem confundir-se com a relação nutrida por décadas entre ambos e, menos ainda, minar a importância e o simbolismo dessa viagem. Se, por um lado, Gott observa que Salvador Allende “achou a presença de Fidel debilitante”, em contrapartida o autor não deixa de reconhecer que “a visita era necessária e inevitável” (GOTT, 2006, p. 281).

No ano seguinte, em 1972, Allende retornou a Cuba, com cobertura da revista chilena *Punto Final*. A revista destacou a solidariedade da ilha em relação ao processo revolucionário chileno, que passava por um momento crucial após as paralisações de outubro. Na ocasião da visita, em ato público, Fidel Castro sugeriu que cada habitante da ilha cedesse parte de sua cota alimentícia, que seria convertida em ajuda revolucionária ao Chile de Allende. A estimativa era que esse ato pudesse gerar 40 mil toneladas de açúcar cubano, que seria doado ao Chile. Salvador Allende, presente nesse ato público, considerou a ajuda revolucionária de Cuba uma expressão significativa de que “*Chile no está solo*”.³⁹

Cumprir notar que o cenário do país que Allende visitara naquele ano em muito diferia daquele que, nos idos de 1959, visitou. A última visita do presidente chileno a Cuba se dava já em um contexto de intenso alinhamento da ilha caribenha com a URSS e no calor da

³⁹ *Punto Final*. La visita a Cuba, por Mario Diaz Barrientos, n° 173, 19 de dezembro, 1972, p. 6-7.



Guerra Fria, o que, nem de longe, inibiu Allende, ainda que tal gesto pudesse representar uma afronta aos interesses de Washington na América Latina.

Ainda que autores, como Alberto Aggio (2003), tenham buscado atribuir à visita de Castro ao Chile em 1971 algum peso de responsabilidade sobre a queda de Allende, bem como apontar para um suposto mal-estar entre essas duas figuras políticas, causado pela “insólita” visita do mandatário cubano ao país andino, parece natural perceber que Allende assumiu os riscos que uma aproximação com Cuba podia representar desde que visitou a ilha em 1959, bem como que, em que pese as tensões da visita de Fidel Castro, sequer houve um completo mal-estar entre ambos, já que, após ser convidado por Allende em 1971, Castro tornaria a receber o colega no ano seguinte em Havana com ares de normalidade na relação bilateral entre seus países.

Diferente do apontado por Aggio (2003, p. 153), se por um lado o Chile passou a ser considerado um país diferente depois da visita de Fidel Castro, de forma alguma a visita do mandatário cubano foi responsável por introduzir qualquer elemento de questionamento do sistema político chileno que já não existisse antes. As tensões que enfrentava Allende, entendemos, decorriam de uma oposição bastante forte e estruturada dentro do Chile desde a derrota da direita nas urnas e intensificada em meados de 1971, segundo bem observa Sergio Guerra Vilaboy (2014, p. 418). Para o destacado professor cubano, a direita chilena vinha utilizando já de todos os meios disponíveis para combater o governo eleito de Salvador Allende, tendo em suas mãos 70% da imprensa escrita do país e 105 das 115 emissoras de rádio. Desse modo,

Entre agosto de 1971 y enero de 1972, la burguesía usó las más variadas tácticas, dentro de una creciente unidad de propósitos para debilitar, y si era posible derrocar, al gobierno de Salvador Allende [...] Fue también el momento de la visita del comandante Fidel Castro, quien al recorrer el país pudo palpar la adhesión del pueblo chileno a la Unidad Popular (VILABOY, 2014, p. 418).

Ante o exposto, é possível concluir que nas décadas de 1960 e 1970, Cuba e Chile marcaram os limites geográficos da construção de um novo homem e de uma nova sociedade na América Latina. Fidel e Allende, condutores de dois processos revolucionários distintos, souberam aproveitar o potencial dessa amizade para superar as dificuldades impostas. Naquele momento, a construção de um novo Chile e de uma nova Cuba passava, irremediavelmente, por essa relação construída com base na vontade revolucionária, apesar das divergências que se impunham entre ambos.



Allende era, para Fidel Castro, o mais importante aliado de esquerda no cone Sul. Dessa maneira, sua visita e a extensão de sua permanência no país tinham a ver com sua busca por inflamar setores de esquerda no sentido de mostrar a importância da luta armada com o objetivo de firmar as bases do socialismo no Chile, na contramão das estruturas de Estado democrático-burguesas, já que considerava a luta contra o imperialismo na América Latina um de seus maiores objetivos.

A estreita relação que, como demonstramos, teve seu estabelecimento muito anterior a essa viagem, manteve-se apesar de toda a polêmica que envolveu a passagem de Castro pelo Chile. Allende, como mencionado, voltaria a Cuba em visita oficial em dezembro de 1972, numa ocasião em que Fidel Castro teria expressado a felicidade em lhe dar as boas-vindas (GOTT, 2006, p. 393).

O desfecho trágico do governo de Allende no Chile, assim, representou para Cuba uma indigesta realidade e para Fidel Castro, pessoalmente, a perda de um inestimável companheiro. Serviu também para reforçar a retórica de Fidel e de setores mais radicais da esquerda, que afirmavam a importância da luta armada naquele país, além de comprovar suas desconfianças em relação ao sucesso da chamada via chilena ao socialismo, fundada em bases democráticas, o que Fidel expressou através da frase: “Os chilenos agora sabem que não existe outro caminho” (AGGIO, 2003, p. 164). Por outro lado, devemos alertar novamente que, em que pese a discordância de autores nesse sentido, compreendemos não ter sido a presença de Castro no Chile, nem tampouco sua relação com Allende, os fatores que determinaram a queda do presidente chileno em 11 de setembro de 1973. Muitos poderiam ser os fatores a serem elencados para justificar tal tragédia, como o próprio aceno político a Cuba que, por diversas vezes, partiu de Allende ou a própria conjuntura política do continente que já vivia a implantação de ditaduras militares no cone-Sul sob o patrocínio estadunidense.

Em 1971, durante sua estadia no Chile, Fidel Castro foi categórico ao afirmar: “ser revolucionário é não ser dogmático”. Para o líder cubano, naquele momento, ser revolucionário não significava prescrever ou seguir receitas prontas, e isso Allende também tinha muito claro. Segundo Fidel, ser revolucionário é ser realista e aproveitar todas as oportunidades que a realidade apresenta⁴⁰, e a experiência chilena demonstrou que Allende e a Unidade Popular souberam aproveitar as possibilidades históricas que se abriram para o Chile naquela conjuntura. Para além de receitas, divergências e contrapontos, os anos de

⁴⁰ *Punto Final*. Diálogo con los dirigentes de la CUT. Santiago, n° 145, 30 de novembro, 1971, p. 38.



1960 e 1970 da América Latina marcaram a construção de uma sólida amizade que ecoou do Caribe ao Cone Sul.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGIO, Alberto. **Democracia e socialismo**: a experiência chilena. São Paulo: Annablume, 2002.

AGGIO, Alberto. **Uma insólita visita**: Fidel Castro no Chile de Allende. *História*, São Paulo, n° 22, 2003, p. 151-166.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **De Martí a Fidel**: A Revolução Cubana e a América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. A Imprensa como fonte e objeto de estudo para o Historiador. In: PRADO, Maria Lígia Coelho; VILLAÇA, Mariana Martins (Orgs.). **História das Américas**: fontes e abordagens historiográficas. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). São Paulo: Alameda, 2013.

FERMANDOIS, Joaquín. **La revolución inconclusa**. La izquierda chilena y el gobierno de la Unidad Popular. Santiago de Chile: Andros Impresores, 2013.

GARCÉS, Joan. **Allende e as armas da política**. São Paulo: Scritta, 1993.

GOTT, Richard. **Cuba**: uma nova história. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADENAS, Edmundo Serani. Salvador Allende Gossens. Una biografía política. In: AMAR, Mauricio [et al.]. **Salvador Allende**: Vida política y parlamentaria 1908-1973. Santiago de Chile: Ediciones Biblioteca del Congreso Nacional de Chile, 2008.

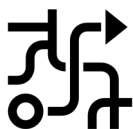
SILVA, Michel Goulart. **Golpe de Estado**: história e usos do conceito. *Boletim de Conjuntura*, Boa Vista, n° 12, 2020, p. 131-139.

SZULC, Tad. **Fidel**: um retrato crítico. São Paulo: Best-Seller, 1987.

VALLEJOS, Julio Pinto. Hacer la revolución en Chile. In: **Cuando hicimos historia**: la experiencia de la Unidad Popular. VALLEJOS, Julio P. [coord.]; MOULIAN, Tomás. [et al.]. Santiago: LOM Ediciones, 2005.

VILABOY, Sergio Guerra. **Nueva Historia Mínima de América Latina**. La Habana: Ediciones Boloña, 2014.

WINN, Peter. **A Revolução Chilena**. São Paulo: EDUNESP, 2010.



FONTES

Bohemia. Chile – “Vivir con honor o morir con gloria”: Un esbozo de Historia del país que visita Fidel. La Habana, ano 63, nº 46, 12 de novembro de 1971, capa.

Bohemia. Chile – “Vivir con honor o morir con gloria”: Un esbozo de Historia del país que visita Fidel. La Habana, ano 63, nº 46, 12 de novembro de 1971, p. 58-67.

Bohemia. El viaje de Fidel. La Habana, ano 63, nº 47, 19 de novembro de 1971, p. 46-73.

Programa básico de Gobierno de la Unidad Popular. Santiago, 1969.

Punto Final. Entrevista Allende-Debray. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 126, 16 de março de 1971.

Punto Final. La visita a Cuba, por Mario Diaz Barrientos. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 173, 19 de dezembro, 1972, p. 6-7.

Punto Final. Reflexiones sobre la visita de Fidel. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 144, 23 de novembro, 1971.

Punto Final. Fidel en Chile: Algunas impresiones e ideas de Fidel Castro. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 144, 23 de novembro, 1971, p. 27-28.

Punto Final. Editorial. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 146, 7 de dezembro, 1971, p. 1.

Punto Final. Fidel en Chile: a las mujeres chilenas. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 146, 7 de dezembro, 1971, p. 36-37.

Punto Final. Correo: Cartas de Cuba. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 148, 4 de janeiro, 1972, p. 2 e 33.

Punto Final. Diálogo con los dirigentes de la CUT. Santiago de Chile: Prensa Latino-americana S.A. nº 145, 30 de novembro, 1971, p. 38.

Revolución. De enorme trascendencia en América Latina la Revolución Cubana. La Habana, n. 72, 28 de fevereiro de 1959, Capa.

Revolución. De enorme trascendencia en América Latina la Revolución Cubana. La Habana, n. 72, 28 de fevereiro de 1959, p. 6.

Recebido em: 23/04/2021

Aprovado em: 06/07/2021